

ANTAGONISMO COLONIAL: A SANTIDADE DE JAGUARIBE E A CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE NO SÉCULO XVI NO RECÔNCAVO BAIANO

EDVALDO NASCIMENTO DE JESUS*

Quando da chegada do Tribunal de Santo Ofício nas terras brasileiras em 1591¹, com o interesse de combater os diversos desvios e heresias que pudesse ameaçar a santa fé católica, a empresa colonial encontrava-se em plena ascensão. O empreendimento português já tinha alcançado diversas áreas da Bahia, incluindo o Recôncavo, lugar de grande importância para a aspiração portuguesa, pois nele, encontravam-se as melhores terras para cultivo do principal produto da empreitada portuguesa². A ocupação das terras brasileiras no século XVI configurou-se como um desmembramento da expansão comercial da Europa³, destinada à acumulação primitiva de capital, capitaneado pela nobreza portuguesa⁴.

Diante desse cenário prescrito, O Tribunal de Santa Inquisição, desenvolveu suas ações atento as principais afluições da colônia, tendo como foco os diversos “desvios”, que iam de encontro à fé católica. O Tribunal estendeu a sua área de atuação, conseguindo fazer-se presente e eficaz, graças às preciosas denúncias e ao aparato inquisitorial⁵, a busca dos hereges centrou as atividades de Heitor Furtado de Mendonça, causando desconforto na sociedade colonial, que naquele momento se apresentava plural e multifacetada. Diante do inquisidor implacável que tinha os olhos voltados para os crimes contra fé, sincretismo e os cultos judaizantes, contudo outros crimes: sodomia, heresias e práticas gentílicas,

* Graduado em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

¹ VAINFAS, Ronaldo (org.). *Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. Confissões da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 7. O tribunal liderado por Heitor Furtado de Mendonça permaneceu em terras brasileiras mais do que deveria, permanecendo até 1595, contrariando os seus superiores. A visitação do mesmo gerou uma enormidade de denúncias e confissões, mas uma em especial, a de Fernão Cabral de Ataíde, o qual gerou um processo com mais de 200 fólios, número significativo para um senhor de engenho. Justamente esse processo chama atenção por se tratar de um elemento desconhecido pelo visitador, no qual os mamelucos, indivíduos híbridos, relatavam a autêntica heresia indígena, conhecida na Bahia e pelos donos de engenhos do Recôncavo, como Santidade Jaguaribe, que contrafazendo os ensinamentos católicos prognosticando a morte e a escravidão dos brancos.

² O açúcar era principal produto da empreitada lusitana na colônia brasileira, voltado para atender as necessidades da Europa. Na última década do século XVI atravessava relativa expansão, sendo produzido por vários engenhos do Brasil. Ver melhor em: SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial (1500-1835)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

³ FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. pp. 13-14.

⁴ ALENCASTRO, Felipe de. *O aprendizado da Colonização*. In Trato dos viventes. Cap. I.

⁵ SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Para remédio das almas: comissários, qualificadores e notários da Inquisição portuguesa na Bahia (1692-1804)*. Tese de doutoramento apresentada no Programa de Pós-graduação na UFBA, 2010.

engrossaram a vasta documentação inquisitorial do século XVI, gerando um volume significativo de sentenças e abjurações.

A chegada o Tribunal seguiu os trâmites exigidos para tão importante evento, obedecendo todos os ritos e obrigações, com presença dos diversos escalões do Clero, Nobreza colonial e o povo simples da colônia⁶, fora o simbolismo do ato inaugural da Inquisição nas terras brasileiras, de imediato instituiu-se o “período de graça”, no qual os indivíduos denunciariam supostos hereges, além de confessar seus “desvios” com a prerrogativa de receberem “penas leves”. Após esse período, não haveria outras oportunidades, todos denunciados seriam investigados e comprovadas suas culpas receberiam os diversos castigos e sentenças.

Nesse ínterim, já estava em curso na colônia portuguesa, o grande projeto jesuítico, com o viés teológico-político⁷, balizado pelas ideias de Manuel de Nóbrega e justificado pelo regimento de Tomé de Souza.

Porque a principal cousa que me moveo a mandar povoar as ditas terras do Brasil foi pera que a jante dela se convertesse a nossa fee católica, vos recomendo muito que patriques com os ditos capitaes e officiaes a melhor maneira que pera isso se pode ter e de minha parte lhes direis que lhes agradecerei muyto terem espiccial cuidado de os provocar a serem christães e pera eles mais folgarem de ho ser tratarem bem todos os que forem de paz⁸.

A incumbência de Tomé de Souza e dos padres da Companhia de Jesus, entre eles, Manuel de Nóbrega, era de povoar o território colonial e converter a quem interessasse na colônia, á fé católica, inclusive os índios.

Porém, o seu principal intento era a conversão dos Índios, de que havia de infinitos no contorno da Bahia e tinham pazes com os Portuguezes , começou a tratá-los e denunciá-los a Fé. Vendo que os paes como trancos velhos estavam mui indonitos em suas barbarias, lançou mão dos filhos; foi ensinando-lhes a doutrina: pouca a pouco se afeiçãoaram e baptisaram alguns e depois delles tambem naquelle principio se baptisaram alguns dos paes, principalmente dos que moravam junto a cidade...⁹

No mesmo curso da ocupação e da evangelização desencadeada pelo projeto jesuítico, pelos pressupostos norteadores do Regimento Tomé de Souza, a colônia comportava outro

⁶ VAINFAS, Ronaldo. *op cit.* pp. 7.

⁷ CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil - 1580-1620*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

⁸ Regimento de Tomé de Souza, que data de 1548, deu as linhas gerais da administração da colônia. Vigorando até 1677, sendo implementado por leis pontuais e específicas. Esse Regimento é analisado em THOMAS, G. *Política indigenista dos portugueses no Brasil 1500-1640*. São Paulo: Loyola, 1982.p. 59-71.

⁹ Cartas Jesuíticas I, *In Cartas dos Brasil 1549-1560. Manuel de Nóbrega Capítulo III*. Da Bahia a 9 de Agosto de 1549, p. 87 Biblioteca Nacional.

projeto, mais ambicioso e desigual. O projeto dos colonos, que tinha como principal objetivo acumular riquezas na colônia, tendo como mola mestra sustentadora a utilização da mão de obra indígena e a busca por metais preciosos. A confluência dos três projetos contribuiu para que a colônia portuguesa transformasse em um ambiente reconstruído, no qual a razão comercial e de acumulação de riquezas estabelecida pelo projeto metropolitano perdurasse por longos anos.

Com o aprofundamento dos interesses, os colonos com massificação da mão de obra escrava indígena e acúmulo de riquezas, os jesuítas com a intensificação dos aldeamentos, da cristianização, e da conversão forçada¹⁰, suscitaram o acirramento das relações internas. Considerando que jesuítas e colonos tinham projetos distintos quanto à temporalidade. Os colonos com um projeto de curto prazo, enquanto os jesuítas vislumbrava um projeto de longo prazo, voltado para fazer dos índios aliados leais, fato que acirrou os conflitos.

O projeto metropolitano na conquista do novo mundo necessitou de grande aparato de coerção e imposição de leis específicas, capazes de conquistar, dominar, colonizar e ressocializar a população colonial, sobretudo as sociedades indígenas. Essas sofreram as principais nuances do astuto e ousado projeto português. A historiografia recente nos mostra que subordinação dos povos ameríndios não se deu de forma pacífica, estratégias e as múltiplas posturas ante a nova realidade imposta foram adotadas, a dominação nunca foi passiva, sempre tiveram um teor específico¹¹. Muitas das estratégias adotadas pelos grupos indígenas variavam desde resistência, fugas, enfretamentos e busca de alianças.

O plano metropolitano, com vasta experiência em empreendimento passado, utilizou de várias ferramentas para submeter às principais sociedades indígenas. Buscando a todo custo, estabelecer o processo colonial, que excepcionalmente, deveria ser definitivo e rápido.

[...] o processo colonial não se estabeleceu, apenas a partir da conquista militar, mas também através de uma gama variada de relações econômicas, sociais e políticas resultantes das tensões, conflitos e soluções encontradas pelos grupos sociais envolvidos. O fato inegável é que a efetivação da conquista exigia íntima associação entre o Estado e particulares ou não, e pressupunha soluções rápidas e criativas ante o desconhecido, além da grande capacidade de manipular o oponente na forma mais adequada aos interesses do empreendimento¹².

¹⁰ VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo. Companhia da Letras, 1995.

¹¹ PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. *Índios, naufragos, moradores, missionários e colonos em Kirimurê no século XVI: embates e negociações*. In: aspectos Humano. EDUFBA. Salvador 2011. pp. 71.

¹² PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro, *op.cit.* pp. 71.

A comunidade tupi do litoral no século XVI sob o domínio lusitano enfrentou nos primeiros passos do projeto português relativa superioridade dos armamentos bélicos, perplexidade e o medo provocado pelo desconhecido, além da prática do cerco, queima das aldeias e destruição das roças. Para, além disso, elementos novos foram sendo introduzido na esfera colonial, até, aquele momento novo para os povos ameríndios. Os traumas psicológicos e as práticas de dominação sofridas por esses povos fez emergir um sentimento de perplexidade e de despossessão dado a destruição do seu mundo clássico e da sua autoimagem positiva a partir do momento em que se estabeleciam novas formas de relação hierarquizadas, para tanto, o processo serviu de guia para que os povos ameríndios buscassem novas formas de relacionamento e reorientarem novos paradigmas.

Para dá fluxo a uma economia nascente na América colonial, os colonizadores estabeleceram com os povos indígenas do litoral uma espécie de aliança calçada no escambo, mecanismo que visava o suprimento das necessidades dos colonizadores, sobretudo no abastecimento de gêneros alimentícios e na derrubada das matas para obtenção do pau Brasil¹³. Essas alianças esporádicas, que para os portugueses era uma forma de adquirir mão-de-obra, se valendo do estado de fragmentação políticas que imperava no Brasil indígena no século XVI, teve outra conotação para os índios, a formação de alianças com os europeus era uma forma de vale-se das ações bélicas direcionadas aos principais inimigos fortalecidos pelas guerras intertribais.

O sistema de trocas chegou até a atender as necessidades dos envolvidos no primeiro momento, contudo fatores internos contribuíram para o seu desarranjo. Os portugueses envolvidos em uma lógica comercial, se aproveitaram das guerras intestinas para obter mão-de-obra para produção de excedentes, adquirindo a lógicas de “saltos”¹⁴, transformando os prisioneiros em cativos, o que foi de encontro lógica das guerras para os indígenas, originando em uma redefinição das tradições, gerando resistências, tanto dos índios aliados, como do próprio cativo, que exigia que se cumprisse a tradição, implorando para que fosse morto conforme indicava os rituais antropofágicos. Nessa mesma lógica, estava a demandas dos suprimentos. O fornecimento de alimentos, base das relações de trocas luso-indígenas, com o aumento da necessidade de gêneros alimentício, os indígenas não tinha como atender as necessidades dos portugueses, uma

¹³ MONTEIRO. John Manuel. *Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹⁴ MONTEIRO. John Manuel. *op cit.*

vez que a oferta de suprimentos era carregada de simbolismo¹⁵, produzindo para o sustento imediato e não para excedente, causando um descompasso nas alianças, elemento de desestruturação da lógica dos colonos, envolvidos na conjuntura comercial.

Fato considerável, é que a falência do escambo seria inevitável por se tratar de duas lógicas diferentes, uma a qual estavam inseridos os portugueses, com o projeto voltado para acumulação de riquezas, obtenção de mão-de-obra e ocupação do território. Enquanto os índios viam nas alianças a solução para as guerras intertribais e fortalecimento das tradições.

Diante das provocações europeias, restou aos povos ameríndios ameaçados pelo pela violência armada e pelo declínio demográfico, provocados pelas fugas constantes, doenças infectocontagiosa e pelo extermínio, a insubordinação e rebeldia. Situação que levou a Coroa a adotar uma postura radical na política portuguesa, porém ambivalente e contraditória, conforme aponta Jonh Monteiro.

A nova postura expressa no Regimento admitia abertamente que o fracasso da maioria das capitânias tinha raízes no cativo ilegal e violento praticado pelos colonos. Ao mesmo tempo, de forma mais velada, o Regimento reconhecia que o êxito da Colônia dependia, em última instância, da subordinação e exploração da mesma população¹⁶

A centralização e aprofundamento do projeto colonial, através de uma legislação específica e detalhada que versava sobre as questões das guerras e aprisionamento dos povos indígenas, o que Jonh Monteiro chamou de contraponto Jesuítico¹⁷, tinha como preocupação elaborar caminhos alternativos de dominação e transformação dos povos nativos, através dos aldeamentos jesuíticos. Nos aldeamentos os indígenas passaram por diversas mudanças de convívio e reestruturações da sociedade, que tinha como objetivo proporcionar uma melhor adequação do trabalho indígena.

Os aldeamentos ganhou força durante a segunda metade do século XVI, transformando-se em uma barreira de proteção das zonas açucareiras contra as ameaças externas que partiam das presenças constantes de corsários estrangeiros. Mas também,

¹⁵ Os povos ameríndios elaboravam suas atividades de acordo com suas necessidades alimentares e festivas. O plantio e colheita seguiam regras estabelecidas da sua organização social, as mulheres exerciam as atividades de plantios obedecendo aos ciclos lunares e também por serem elas consideradas portadoras da vida, uma vez que davam a luz aos seus filhos. Existia entre os índios do litoral de oferecer alimentos para os seus aliados como forma de bom relacionamento.

¹⁶ MONTEIRO, Jonh. *Op.cit.* pp. 36. Na referência citado pelo autor refere-se ao Regimento de 1548 (DHA, 1). A relação explícita entre a escravidão e a guerra também foi manifestada por Pedro Borges e João III, 7/2/1550 (MB, 1:175).

¹⁷ *Idem.* pp. 42.

por que atendia os interesses dos colonos, que a partir os aldeamentos passou dispor de mão-de-obra abundante e barata para melhor desenvolver o intento colonial, e o interesse da própria Coroa que conseguia manter a principais bases do projeto lusitano.

Em contrapartida os povos indígenas submetidos aos aldeamentos tiveram que conviver com as altas taxas de mortalidade, introdução de grupos de etnias diferentes, doutrinação dos jovens, eliminação dos pajés¹⁸, homogeneização, proibição da poligamia e mais drástica das imposições jesuítica, a concepção de tempo e do trabalho. Apesar de no primeiro momento o projeto conseguir relativo sucesso, empolgando missionários, Coroa e até os colonos¹⁹, o que se viu no nesse mesmo período foi insatisfação dos colonos, que questionavam o poder dos padres exercidos sobre os índios, o que impossibilitava um acordo mais proveitoso para obtenção de mão-de-obra.

Contrariando as expectativas do primeiro momento, o projeto jesuítico não conseguiu atender as necessidades para qual intento foi criado, o esvaziamento dos aldeamentos, a falta de entendimento com os colonos e as constantes fugas, sublevações e assimilações dos povos ameríndios, contribuíram para desaceleração do projeto²⁰. Mas o que ficou evidente que mesmo submetido uma estrutura radical dos aldeamentos, as principais sociedades indígenas conseguiram preservar alguns vestígios da organização política e religiosa, resguardando a autoridade dos chefes, base da principal autonomia dos povos tupi.

Na última década o século XVI, justamente quando o Tribunal de Santo Ofício chega á colônia, os povos indígenas estão passando pelo processo de reestruturação dos mitos e da religiosidade, agora permeado com os ensinamentos cristão, talvez por isso, se justifique as sublevações indígenas, principalmente, a Santidade Jaguaripe, fazendo parte das denúncias, gerando uma imensa devassa contra os principais, criadores e

¹⁸ Os jesuítas desenvolveram uma política de redução do poder dos pajés, que eram considerados os profetas das comunidades, exercendo o papel central de intermediário entre, os espíritos e o resto povo, por isso eles figuravam como sendo empecilho ao processo cristianização, por isso reduzir o seu poder dentro das comunidades indígenas, era também garantir o bom andamento dos trabalhos dos jesuítas. Para melhor compreender essa questão: CLASTRES, Hélene. *Terra sem mal: o profetismo tupi- guarani*. São Paulo. Brasiliense 1982. p. 35.

¹⁹ Na questão que envolve o primeiro momento dos aldeamentos jesuíticos e a sua efetivação, conseguindo galgar êxito do ponto de vista do fornecimento de mão-de-obra e a formação de novas almas, Jonh Manuel Monteiro, *Negro da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo* cita as cartas do padre da Companhia de Jesus, Padre Gouveia, dando conta do entusiasmo do projeto jesuítico, citação número 90 e 91 na página 43 do livro.

²⁰ CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil - 1580-1620*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

seguidores da Santidade do Recôncavo,²¹. Um verdadeiro posicionamento político e social dos povos indígenas, que viam na Santidade uma possibilidade de lutar contra os seus principais algozes, fazendo do Recôncavo um lugar hostil para portugueses e jesuítas. A construção da liberdade dos povos indígenas tinha a Santidade como um meio de alcançar a “terra sem mal” principal referencial dos seus ancestrais.

O Tribunal e a Santidade do Recôncavo

O fenômeno da “Santidade”, e principalmente a de Jaguaripe, aguçou o olhar do Tribunal de Santo Ofício, dada a quantidade de denúncias e sentenças encontradas disponíveis nos processos inquisitoriais, localizados na Torre do Tombo. Além de ser uma sublevação ligada à religiosidade católica e aos cultos tupinambá, configurou-se em movimento sincrético de relevância no período colonial. Nesse sentido, a Santidade de Jaguaripe insurge em um cenário conflituoso de disputas e de interesses diversos, tornado-se um movimento religioso e político no século XVI no Recôncavo. Vale salientar que a Santidade aglutinava desde índios, negros da Guiné á mamelucos, fato percebido durante a transcrição do processo de Fernão Cabral de Ataíde²². Denominados de movimentos insurgentes²³, nascidos do próprio catolicismo e hostis ao europeu e em defesa das tradições ameríndias, as ações não pararam por aí, os processos dão conta do medo que a Santidade causava aos donos de engenhos e na sociedade colonial, como pode-se perceber na documentação referida a Manuel Teles Barreto, governador dá época.

²¹ Livro confissões da Bahia, primeiro visitação do Santo ofício ás partes do Brasil. Série Eduardo Prado. Para melhor entender o Brasil, São Paulo 1922.

²² A descrição do processo nº 17065 de Fernão Cabral de Ataíde. ANTT (Arquivo Nacional da Torre do Tombo), IL (Inquisição de Lisboa). Nesse processo fica evidenciado que os seguidores da Santidade de Jaguaripe eram índios, mamelucos, negros e o próprio colonizador. Fato que nos leva a sustentar que se trata de um dos primeiro sincretismo do Brasil colonial. Essa constatação só foi possível a partir do grupo de pesquisa: Práticas Culturais Religiosidade e Imaginário, da área de predominância: Ciências Humanas e História que tem com líderes os docentes: Marco Antônio Nunes da Silva e Fabrício Lyrio Santos. E através da disciplina de paleografia ministrada pelo Prof. Drº Marco Antônio Nunes da Silva. A disciplina capacitou os discentes a transcrever documentos do século XVI á XIX.

²³ VAINFAS, Ronaldo, *op.cit.*, pp. 33.

A nova abusão a que (se) pôs nome de santidade foi a causa de por esta terra haver muita alteração, fugindo pra ela muitos índios assim foros como cativos, pondo fogo ás fazendas²⁴.

As ações não se findam, o Recôncavo todo sofria com os insurgentes indígenas, rebelando-se contra os seus principais algozes, lutando em prol da liberdade de todos e na busca da “terra sem mal”, mesclando religião, crença e política, como ressalta Ronaldo Vainfas.

No plano das crenças, o que mais sobressai nos documentos sobre a referida santidade é a combinação entre os ingredientes da mitologia tupi e o sentido anticolonialista, antiescravista e anticristão que os caraíbas e sectários veiculavam em sua mensagem. A Santidade, diziam, “vinha para emendar a lei dos cristãos” promover “um fogo novo”, eliminar os brancos da face da terra...²⁵.

O desassossego era geral no Recôncavo. Jesuítas, donos de engenhos, padres, todos temiam os movimentos indígenas, a ponto de solicitarem o extermínio dos seus seguidores e os principais líderes da “abusão indígena”²⁶. A antítese do colonialismo perpetrada pela Santidade de Jaguaripe evidencia que o coração da colonização foi um ambiente de contestações que transformaram o Recôncavo em um lugar hostil para o colonizador e seus aliados.

As contestações de cunho religioso da Santidade ficam evidenciadas em vários processos de mamelucos lavrados pelo Tribunal de Santo Ofício. Os mamelucos, indivíduos híbridos e fruto da dialética da colonização, são os que mais elucidam a questão do rebatismo. O batismo às avessas fomentou um autêntico embate religioso híbrido. Por parte dos jesuítas, a difusão do ‘deus’ cristão, e para os índios, a idealização do ‘deus’ – tupã –, fato que elucidam o quanto a conversão foi um elemento de disputas

²⁴ ANTT (Arquivo Nacional da Torre do Tombo) IL (Inquisição em Lisboa) processo nº 17065, Fernão Cabral de Ataíde, fólio. 171.

²⁵ VAINFAS, Ronaldo, *op. cit.*, pp. 107.

²⁶ Processo nº 10776 ANTT, IL. Domingos Fernandes Nobre – “Tomacaúna” Mameluco, braço de direito de Fernão Cabral de Ataíde, responsável pelo cooptação de metade da Santidade para as terras do senhor de Jaguaripe. “Tomacaúna” elemento híbrido um dos poucos que teve contato com o “papa” da Santidade. O seu processo elucidam bem o lado político e social da dos seguidores da referido movimento, como também descreve os rituais e as ações perpetradas pelos indígenas. “Tomacaúna” era conhecido com um grande caçador e prisioneiro de índios do Recôncavo e um líder nato quando refere-se a fazer conquista de índios, foi contratado por Fernão Cabral de Ataíde para convencer que os índios da Santidade fixasse no seu engenho.

entre índios e jesuítas²⁷. O rebatismo realizado em Jaguaripe significava a vida eterna – a imortalidade – uma vez que os batismos nos aldeamentos jesuíticos, no olhar dos índios, lhes traziam a morte real e inevitável.

No entanto, se a prática de rebatismo dos índios foi, no caso luso-brasileiro, uma invenção das santidades²⁸ – e da Jaguaripe e as outras –, a rejeição do batismo cristão pelos tupi vinha de longe, sendo tão antiga quanto a chegada dos jesuítas no Brasil. Os próprios jesuítas assinalavam à farta este particular horror que os índios sentiam do sacramento católico, sobretudo dos batismos *in extremis*, usuais nos aldeamentos por ocasião das pestes variólicas²⁹.

A prática do rebatismo era um rito essencial de fortalecimento entre os membros da Santidade. Ao tempo que quebrava o processo de cristianização feita nos aldeamentos jesuíticos, fortalecia o elo entre a Santidade e os seus seguidores, como relata a Paula da Almeida perante o visitador.

[...] denunciando disse que haverá quatro ou cinco anos que Domingos Fernandes Nobre casado com Isabel Beliaga o qual é língua dos gentios e chamam lhe Tomacauna disse a ela denunciante que no sertão adorava o ídolo dos gentios e que chamam Santidade e se pusera de joelhos três vezes diante dele ele ofertara facas e anzóis e que o rebatizara o gentio a que chamam Papa ele pusera nome Luis e lhe disse mais que divina e humanamente se podia conversar aquele negro chamado papa, porque trazia contas e adorou as cruzes e assim lhe disse mais que o dito chamado papa rebatizara também o Patalião Ribeiro e a outros, e denunciando mais disse que dona Margarida mulher do dito Fernão Cabral no tempo que na sua fazenda estava a dita chamada Santidade dos gentios indo lhe a gentia a que chamavam mãe de Deus pedir licença para ela batizar outra índia da terra já cristã lhe concedeu a dita licença, e ela denunciante que presente estava repreendeu daquilo...³⁰

Nascida da complexidade dos aldeamentos jesuíticos, a “abusão” de Jaguaripe utilizava dos mesmos mecanismos e cerimônias católicas, rebatizando os novos seguidores, contrafazendo o sacramento católico³¹.

O advento das santidades e as demais formas de resistências indígenas, nascidas do choque cultural, social, econômico e político, revelaram eficazes, dadas as circunstâncias impostas pelo colonizador. O principal alvo dos seguidores da Santidade

²⁷ Ver mais em ANTT, IL, processo nº 17809, Francisco Pires, fls. 2-12.

²⁸ Na confissão de Brás Dias em tempo de graças, p.218. Nessa confissão Brás Dias mameluco confessa que cinco ou seis anos mais ou menos antes da Visitação do Santo Ofício em companhia de Domingos Fernandes Tomacauna na freguesia de Jaguaripe no Recôncavo presenciou um o líder da abusão gentílica, Antônio criado nas aldeias de conversão batizar seus filhos com duas candeias acesas e um prato d'água benzendo arremedando os estilos que nós cristãos temos nas cruzes e confessando que Cristo é o senhor.

²⁹ VAINFAS, Ronaldo, *op.cit.*, p. 121.

³⁰ Processo de Pantalião Ribeiro n ° 11036 ANTT, IL. Fólios 2-3.

³¹ Ver melhor em ANTT, IL. Processo nº 15344, confissão de Brás Dias dada em 02/09/1592.

era a população indígena, e muitos, além de reconvertidos para a Santidade, eram politicamente conscientizados sobre a sua posição dentro do regime escravista e convencidos sobre o presságio da “terra sem mal”, a idealização do paraíso Tupi³². Como fica evidente no processo de Francisco Pires, que contam as ações dos índios adeptos da Santidade perante a um aldeamento jesuítico³³.

[...] mamelucos costumam lá pregar aos gentios que não desçam com os padres da companhia e que não desçam para as igrejas, por que se descerem para elas não há de ter muitas mulheres nem há de beber seus fumos nem bailar nem ter os costumes de seus antepassados e que não há de tomar nomes das matanças...

A construção da liberdade perpetrada pela Santidade de Jaguaripe estava balizada nos constantes confrontos estabelecidos entre os membros da Companhia de Jesus e com os senhores de engenhos do Recôncavo. As constantes retiradas dos índios da condição de escravo ou através da fuga desses para dentro da “abusão religiosa”, evento que fazia retardar o processo colonial, uma vez que sem a mão-de-obra escrava indígena o processo colonial demoraria a estabelecer, como relata a Gonçalo Fernandes ao visitador.

[...] E confessando, disse que haverá seis anos pouco mais ou menos que, no sertão desta capitania para a banda de Jaguaripe, se alevantou uma erronia e idolatria gentílica a qual sustentavam e faziam os brasis, deles pagãos e deles cristãos, e deles forros e deles escravos, que fugiam a seus senhores para a dita idolatria e, na companhia da dita abusão e idolatria, usavam de contrafazer as cerimônias da Igreja e fingiam trazer contas de rezar como que rezavam, e falavam certa linguagem por eles inventada, e defumavam-se com fumos e erva que chamam erva santa³⁴.

A Santidade ameríndia do recôncavo funcionou como um reduto de vários índios submetidos à condição de escravo, que viam na figura dos principais líderes da “abusão gentílica” autênticos promovedores da liberdade, contrafazendo os discursos dos padres jesuítas, fortalecido pelo ideal da terra sem mal³⁵, anunciado por muito tempo pelos ancestrais.

³² VAINFAS, Ronaldo, *op.cit.*, p. 77.

³³ Processo de Francisco Pires nº 17809 ANTT, IL, fôlio 1, verso 2. No qual o Padre da Companhia de Jesus, João Vicente procurando o Tribunal de Santo Ofício versa sobre a dificuldade de manter os índios nos aldeamentos, em virtude das constantes pregações de membros da Santidade.

³⁴ Processo de Gonçalo Fernandes nº 17762 ANTT, IL, fôlio 12, verso 1.

³⁵ CLASTRES, Hélène. *Op.cit.*

Considerações Finais

O antagonismo perpetrado pelos povos ameríndios, através da Santidade de Jaguaripe no Recôncavo Baiano, baseava-se nas constantes busca da terra sem mal, lugar da imortalidade, lugar de inversão de papéis vividos até aquele momento. Era o encontro com um território transmitido pela memória coletiva através dos seus antepassados. Abusão gentílica trazia consigo elementos da colonização, principalmente, os mamelucos³⁶, sujeitos híbridos no seu corpo biológico e híbrido no seu corpo cultural. A ambivalência mameluca é uma realidade complexa, vivendo entre dois mundos coloniais, no sertão andavam nus e sujeitos antropofagia, lutando ao lado dos índios contra às tribos rivais e contra os europeus. No território colonizado, tinham a lei de Cristo no seu coração, vivam como católicos, confessando e benzendo como indivíduos cristianizados, confessando para visitador inquisitorial, que muitas vezes no sertão viviam á moda dos gentios, bailando, tomando o cauim, contrafazendo os ensinamentos católicos, mas que no fim tinha a fé católica³⁷.

A compreensão desses indivíduos espremidos entre as duas culturas no universo colonial, quando na vila se conformava às regras e valores dominantes, e fora dela, deixava para trás a cristandade, assumido-os como índios legítimos, nesses indivíduos está elo de compreensão da Santidade Jaguaripe, que nos seus cultos e nas suas ações adotam as características dos seus ancestral indígena permeados de valores cristãos, lutando contra o algoz português.

A busca do paraíso terrestre pregado pelos membros da Santidade dá conta da configuração da colônia, de um lado os colonos que buscavam a todo custo riquezas e status, do outro, os jesuítas, que dos seus aldeamentos um lugar de aflição e de desestruturação dos povos indígenas. Os insurgentes coloniais nasceram das investidas do próprio colonizador, contrafazendo os ritos católicos e subvertendo a lógica implantada, buscando através das ações sociais e políticas novos paradigmas, tensionado as relações e com isso refreando a empreitada colonial portuguesa. Imprimindo algo novo, avesso a colonização, profetizando um lugar de maravilhas e a

³⁶ RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto. *Os mamelucos e o vinho da lembrança*. Mneme (Caicó. Online), v. 12, p. 506-521, 2011.

³⁷ Processo nº 10776 ANTT, IL. Domingos Fernandes Nobre – “Tomacaúna” e Lázaro da Cunha, também mameluco, processo nº 11068 ANTT, IL.

busca pela sobrevivência de uma sociedade ameaçada por outra na sua própria existência.

No Recôncavo a Santidade alcançou um lugar de destaque, misturando valores católicos permeados da religiosidade tupi-guarani, reinvenção, fruto da circularidade de culturas envolvida no cenário colonial, reinterpretada com objetivo de salvar-se do domínio imposto pelos portugueses. Para os membros da Santidade não bastava só salva-se, mas também salvar outros índios da condição de escravo, peculiaridade impar das pregações “abusão” do Recôncavo.

Por fim, os movimentos insurgentes de pregações messiânicas ilustram as dificuldades encontradas pelos colonizadores, fazendo do Recôncavo no século XVI na Bahia, um lugar hostil, de difícil conquista dos povos ameríndios, que se valeu de argumentos próprios, caracterizados de sincretismo religioso, para subverter as condições impostas, caracterizando como movimento anticristão e antiescravista.

Referências

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) Inquisição em Lisboa (IL) processos: nº 11068, nº 10776, nº 17065, nº 13090, nº 12229, nº 17809.

ALENCASTRO, Felipe de. “O aprendizado da Colonização”. In: *O trato dos viventes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feitiçarias, adivinhos, e curandeiros em Portugal no século XVI*; Companhia das letras, São Paulo.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

CLASTRES, Hélène. *Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani* São Paulo. Brasiliense 1982 .

CASTELNAU-L’ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil - 1580-1620*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

Cartas Jesuíticas I, In *Cartas dos Brasil 1549-1560. Manuel de Nóbrega Capítulo III*. Da Bahia a 9 de Agosto de 1549, p. 87 Biblioteca Nacional.

Cartas Jesuíticas, Cartas Avulsas 1550 – 1568. Biblioteca de Cultura Nacional.

CALAINHO, Daniela Buono. *Agentes da fé: familiares da Inquisição portuguesa no Brasil colonial*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

CALASANS, José. *Fernão Cabral de Taíde e a Santidade de Jaguaripe*. Salvador, s/ed. 1952

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. pp. 13-14.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LÉRY, J de. *Viagem á terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, São Paulo, 1980.

Livro confissões da Bahia, primeiro visitação do Santo ofício ás partes do Brasil. Série Eduardo Prado.

NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil, 1549-1560*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1988. Col. Cartas Jesuíticas.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. *O combate dos soldados de cristo na terra dos papagaios*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária. 1978.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. *De como se obter mão-de-obra indígena na Bahia entre os séculos XVI e XVIII*. In Rev. hist. 1994, pp. 179-208.

_____. Maria Hilda Baqueiro. *Índios, naufragos, moradores, missionários e colonos em Kirimurê no século XVI: embates e negociações*. In: Baía de todos os santos. Aspectos Humanos. Salvador, Edufba. 2011.

PAIVA, José Maria de. *Catequese e Colonização*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982.

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Para remédio das almas: comissários, qualificadores e notários da Inquisição portuguesa na Bahia (1692-1804)*.

SIQUEIRA, Sonia. *A Inquisição portuguesa e a sociedade colonial*. São Paulo: Ed. Ática, 1978.

SIQUEIRA, Sonia. *A elaboração da Espiritualidade do Brasil Colônia: O problema do Sincretismo*. P. 211-228. Disponível: Anais do Museu paulista, S. Paulo, 1978.

SOUZA, Laura de Melo e. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial (1500-1835)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Tratado Descritivo do Brasil 1587 Gabriel Soares de Sousa.

VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

_____, Ronaldo (dir). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000

_____, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.